

Para economista, políticas devem priorizar infância

(Vitor Pamplona)

27/09/2008 às 21:28

O coordenador de Disseminação de Informações do IBGE na Bahia, Joilson Rodrigues, destaca que a maioria dos analfabetos no Estado tem mais de 30 anos e vive no meio rural. Na Bahia, esse grupo representa quase 1,7 milhão de pessoas, ou dois em cada três analfabetos. Para melhorar a posição do Estado no ranking nacional, Rodrigues afirma ser necessário levar os programas de erradicação aos grotões do interior e beneficiar sobretudo as pessoas maduras.

Não é o que pensa Wilson Menezes, coordenador da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) na RMS pela Universidade Federal da Bahia. Para ele, as políticas públicas voltadas para a eliminação do analfabetismo devem priorizar a infância. “A resposta para a sociedade é maior”, explica. Ao privilegiar as faixas de idade menos elevadas, Menezes mira o futuro, com base no presente. De acordo com o economista, apenas 2,1% dos postos de trabalho em Salvador eram ocupados por analfabetos em levantamento de agosto deste ano.

A relação entre formação escolar e renda, no entanto, não é sempre equivalente. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) realizado a partir dos dados da Pnad mostra que, entre 1992 e 2006, o tempo dos jovens de 15 a 29 anos na sala de aula aumentou 2,63% ao ano. Paralelamente, a renda dessa faixa etária subiu apenas 1,21% a cada ano. O aumento proporcional dos ganhos só cresceu a partir de 2004, com o aquecimento da economia nacional.

Julieta Estrela, 56 anos, uma das alunas do projeto Cidade das Letras no subúrbio, experimentou no bolso, na juventude, as conseqüências do analfabetismo. Um amigo a indicou para uma vaga de telefonista mas, sem saber ler e escrever, ela não foi contratada. Virou doméstica.

Em busca do tempo perdido, Julieta repete o bordão: “Para estudar nunca é tarde”. Aversa às frases feitas, a colega Enedina da Silva, 61 anos, explica por que decidiu sair das estatísticas do analfabetismo: “É feio ter que assinar um documento e colocar o dedo”. Borrão, para Enedina, nunca mais.